

O HOMEM NO SEU MAR

O HOMEM NO SEU MAR

**AS 24 HORAS
NA ALDEIA**

de

José Manuel Gonçalves Silva

Te Deum laudamus.

“No quinto dia, Deus criou os grandes monstros marinhos, e tudo o ser vivente que se move nas águas, e tudo o que as águas produzirem segundo o seu género, e criou também todas as aves segundo a sua espécie.

Deus bendisse:

Frutificai-vos e multiplicai-vos, e enchei as águas dos mares, e multipliquem-se as aves na terra.”

Génesis 21-22-23

Aleluia.

Prólogo

No enigma da vida, há muitas e demasiadas perguntas que ficam levitando,

***Duendes da mente,
que bailam pela noite dentro,
e pelo dia fora,
rebeldes desenhos de marionetas,
com jogos de criança,
empoleirados de um cordel.
Travessuras rebocadas,
num vai vem ardente.
Aquele espaço frio e quente,
uma caixa de postal,
a árvore de Natal,
o abrir dos presentes.
Um jogo que vem ao pensamento,
um amigo de há muito tempo...
Uma revolução,
um cravo,
os abraços amputados,
beijos perdidos no regaço,
uns olhos quentes de lume,
uma rajada quente do teu perfume,
um passado.
Quantas horas no salão de baile,
de olhos vidrados,
vivendo com os meus enigmáticos
duendes...,
suspirando no cálice do silêncio.***

Muitas das vezes quando nos perguntamos algo, difícil é a vez, que a resposta vem acertada logo de início, e até por vezes nunca chega. Porquê? mesmo que empreguemos todas as nossas fontes de conhecimento possíveis e imaginárias, é muito difícil encontrarmos uma resposta concreta e satisfatória para tudo o que procuramos na vida, o que a torna num enigma.

Uma das perguntas, que me perturba, deixando-me muitas vezes por rebelde, além das demasiadas noites em branco, é a das minhas (benditas) SAUDADES. Parece mentira, mas levo uma vida perguntando, (***e por favor, não me julguem mal,***) pois até blasfemo só com o porquê de tê-las. Ora se eu, como muitos outros iguais a mim, deixamos indignados e revoltosos o lugar onde nascemos, e por onde passamos a nossa gloriosa juventude, por nossa livre vontade, porque diabo (***ou “demoino”, ou raios que a partam, para não dizer outras coisas mais...***) ao estarmos longe, muito longe, sentimos essa tristeza e dor, que sempre nos faz sofrer, e engloba-nos de martírios, que disfarçadamente vivem caminhando nas avenidas do nosso dia-a-dia, sem sabermos como, mas que ribombam o peito sem piedade, sem já haver mais lugar para maltratar, e o longe passa a ser visto na nossa ilusionista memória, caminhando tão pertinho, que só falta com tocarmos, já que vemos e sentimos. Os flagelos são maiores, com o passar dos anos, e para cúmulo, para nos avivar mais a dor e a tristeza, o tantalizar é o instrumento, e o algoz é o fim.

A vida tem os seus porquês, e respostas, alegrias e tristezas, dias de sol e de frio, (**revolução e cravos**) que até fico perguntando lá para mim mesmo, se a vida não terá também desequilíbrios, e se as SAUDADES que como eu também vós abraçais, não são mais que as horas desequilibradas, de um vento ciclónico e viçoso que nos abraça de propósito.

Ou sou somente eu, o que opina, e que anda desequilibrado, neste triunvirato...e todo o mais anda no equilíbrio da vida?

Se houvesse uma maneira certa de responder à primeira ou à segunda... mas não encontro. Pensando bem, para que haveria eu de responder? Se pouca falta me faz saber o fundo de tudo isso, visto que, de uma maneira ou de outra; a verdade diz, quer queira quer não, ando sempre cheio de saudades, e o saber, de pouco ou nada me ajudariam a tirar essa carga, que também toca a todos os que estão longe.

Na distância, devemos usar a mística, porque nada é mais grave do que a perda da vontade e da razão.

Há quem diga, que as saudades matam, mas depois de tanto caminhar, penso diferente, que nós somos quem matamos as SAUDADES.

Quem sabe como andam... muitas até, andam empoleiradas nas teias farfalhentas da memória, enquanto bailam nas paredes dos nossos sonhos os tais duendes, com gestos ao **Desdirá, sem remorsos**, fico pensando que, talvez a destruição daquela minha aldeia, que outrora (**Sempre guardo-a no peito com especial**

carinho e como particularmente minha, mesmo sabendo que já não é.) foi o contributo e peça fundamental para que eu seja o molde que hoje sou. No entanto, é justo dizer, que essa mesma destruição total, ocorrida dia-a-dia na metamorfose da vida, faz com que os mal tratos, e o passar dos anos, (**por isso é que digo e grito: Já não é a minha**) tenham de ser uma necessidade na vida de todos, tanto dos que lá vivem, como dos que de lá saíram. (**Uma rosa envelhece, as pétalas desmaiam ao abandono. Na primavera seguinte, um outro botão, se abre. Para uns é muito mais linda, para outros, não é mais que uma outra rosa, triste e sonhadora.**)

Uma condição necessária e suficiente para que todos os de agora justifiquem os meios, como necessidade dos fins, em sudários amortalhados, para fazerem justiça ao lugar amado. Embelezando por todo o seu arredor, aromas de uma estátua fria, despida e sem a alma de agora, mas embebida em festas de fanfarra, que não foram mais que gritos de protestos, com misturas de caldeiradas e desgostos, e sem o principal, o amor às tradições da terra. Mas honra seja feita, pelo menos fez-se alguma coisa...

Talvez seja eu, que estorvado e perdido nos meus sonhos rebeldes, engrenados a uma juventude distante, me deixem obcecado por todos os velhos costumes, que embebedaram-me com aromas de todos esses lugares, onde sobressaiam veredas, paisagens, pessoas, tradições, e sino, que ao sentir enfumarem-se todos estes retratos na retina do meu velho cansado e triste visual, quase como a ferro frio, (**como se fossem pragas**)

tendendo-lhes novos caminhos a custo, de ferro e fogo, mas muito bem apetrechados, honra seja feita, (***ou, sou sempre eu o teimoso, por embirrar a viver no passado, sem sequer olhar ou dar oportunidade à mudança, mesmo sabendo o agrido do seu usufruto? Não serei eu o perdido?***)

E perco/me, ouvindo.

- O que é velho só serve para museus...

Desde logo que sou um privilegiado, reconheço-o. Tenho o passado sempre nas minhas mãos, levo-o comigo sempre a tiracolo, e é sempre o meu melhor amigo... sempre em três dimensões, como é de supor. Ao lado, um pouco maroto, mas folgazão, de *mãos dadas*, trago também o presente sempre na mira da injustiça.

Uma vez, já há muito tempo, alguém me segredou:

“ Olha que a ordem da imaginação, não é a ordem da memória, nem a ordem visual por mais brilhante que seja, consegue apagar a bela ordem da memória.”

Primeiro capítulo

O HOMEM NO SEU MAR

1965

Dá-me, Dá-me
(Canção)

Dá-me o fado,
Dá-me a guitarra,
Dá-me o tempo que já tive,
Do soro que me amarra,
À alma da minha gente.

Oh quanta saudade,
Dos velhos tempos,
Oh quanta ansiedade,
Desses momentos.

Dá-me o sol,
Dá-me o luar,
Caídos no Outono errante,
Que ainda há tempo para amar,
E o amor tudo consente.

Canta-me o fado,
Baila comigo,
Não há pecado,
Sonhar contigo.

Dá-me a alma,
Dá-me o peito,
Dá-me a paixão do teu corpo,
Que todo o amor com seu jeito,
Faz revolver todo um mundo.

Oh dá-me o fado,
Oh dá-me o sol,
Oh dá-me, dá-me,
Dá-me o teu peito,
Oh dá-me, dá-me,
Dá-me o teu peito,
Que eu não quero viver só...
Oh dá-me, dá-me,
Dá-me o teu peito,
Que eu não quero viver só...
Oh dá-me, dá-me,
Que eu não quero viver só...
Que eu não quero viver só.

Uma luz bailarina, que tropeçava, e quase a desmaiar, toda amarelada e raquítica, abanando-se num tremelicar que se despertava a cada segundo pelas palmadas das rajadas de ventos maneiros, que se infiltravam sem apuros naquelas quatro paredes mal caiadas, onde os pedaços de cal caídos, mostrando sem repugnância as pedras que um dia foram testemunhas da vida harmonizada que elas tiveram em outros tempos, enquanto, o que havia do seu velho vestido, era de um branco desvanecido e trôpego, dando-nos a verdadeira imagem da última vez que as pobres foram cuidadas, e que agora entretêm-se apáticas, fazendo desleixadamente o sacrifício de palco às palhaçadas dos duendes que se mascaravam de sombras vazias, tirando partidos, aproveitavam-se das noites, das solidões, e do próprio segredo da vida, para enfeitarem o espaço. Eles egoístas e sôfregos apoderavam-se de todos e de tudo, tinham tomado posse do recinto, enfeitando-o, e dando-lhe pinceladas à sua maneira, a torto e a direito, sempre petulantes nos seus desnudos desenhos decapitados e toscos, sem receio de desaprovações nem de medos.

Usavam os seus gostos, penetravam nos pensamentos dos intrusos malfadados, como que aparafusando-se a esses que por lá passavam, devorando-lhes com amarguras o sabor regente do sono.

Nessas quatro paredes maltratadas, e arrepiadas de mágoas, vivia-se o respirar da condena, havia por toda ela o fadário do tremendo esturro a peixe seco, que emanava desde o chão ao tecto, enquanto o óleo lodoso da rara (**sara, muito conhecido por bacalhau de Câmara de Lobos, ou bacalhau dos pobres**) ardia

pestilências no velho candeeiro desprevenido e tolo, com um vidro todo imbuído de luto, Deus sabe lá já por quanto tempo o pobre vivia assim desprezado, onde a pouca luz que lhe saía frenética, não dava para desvanecer a coroa que se fazia mesmo por cima dele, no tecto exasperante como se tratasse de um enorme salão de baile, onde os mestres duendes empoleirados com os seus pares, divertiam-se nos cordéis invisíveis. Sentado no centro da pequena mesa, onde espevitava sombras, o pobre vivia, quase ao abandono, sobre essa pequena mesa que também fazia de lareira, cómoda, estante, e de tudo o que dela precisassem, era mais uma marca de desespero que se desatinava no lugar.

Tudo isto num respirar alvoraçado e gordurento com lânguidos ronqueados de descontentamento, cuspidos e arrotando a cada canto, os vapores pulverizados que se sentavam a meu redor, empurrando-me às náuseas aí e depois de lá sair, com todos esses óleos imbuídos, que por tantos dias viviam emburrados em todo o que à minha volta se movia, querendo retratarem-se a toda a hora.

Tentava distrair-me ora com o desafogar dos confusos e diabólicos bailados empancados nessas maçónicas paredes descaradas, bordadas a pedra e cal, ora debruçado numa pequena janela, que dava para o cais, já sem os verdadeiros tapa-sóis, e com todo o molde a seu redor carunchoso, onde o só tocar, dava a sensação de débil, como papel muito fino, todo revestido de uma ponta a outra, das pequeninas asas perdidas de propósito, para enfeitar o templo, enquanto tudo à sua volta, estava vestido de um escuro eterno dominical.

Não muito longe, flutuando sobre o velho espelho, os vaidosos brilhos cintilantes e catedráticos dos astros num Céu aberto e amoroso, faziam harmonia nas águas gulosas do nosso mar, talhando um quadro aceitável numa escuridão que felizmente me deixava apreciar o belo do amargo, cantando-me com o toque do retinir das estrelas cadentes, que se descolavam num Céu onde viviam empoleiradas como marionetes vestindo uma capa de um azul profundo e gigante, que não dava para ver a seu redor as cordas invisíveis, e lá de tempos a tempos, Deus deixava cair uma como diamante, em brincadeiras de trapézio, e vinha ela pimpona, brilhante arisca e apressada, riscando o negrume da noite, sem esperar palmas, nem rosas, tão pouco os cravos da revolução, e toda brincalhona, fingia desaparecer depois, dando aos olhos a sensação de gratidão e paz, que se enalteciam no profundo silêncio das noites da minha terra.

A mim, nessa noite, tirou-me os contratempos dos óleos queimados, e do esturro a peixe seco, que corriam como loucos por detrás de mim, sem me quererem largar, aferrando-se a mim como demónios pegajosos, transformados em bestas, que corriam para morderem os meus sentidos destroçados.

Atrás, como amedrontada, com cores vivas e secas, a rocha altaneira sublime e majestosa, de uma ponta a outra em delírio, a farsante, tentava imitar em eco tudo o que saía em som, não importando a hora, cómica e travessa, repetia como gramofone velho. Era o Escapulário das saudades, que pouco a pouca ia redobrando sempre que podia, mas vergonhosa, escondia-se no segredo do escuro silêncio sepulcral,

fazendo-nos acreditar no seu mentir, que ela mesma vivia e respirava por pulmões gigantes, alimentados por aquele ar vindo do nosso mar, trazendo com ele o espaço grande e mudo, com espirros que nas noites de inverno, deitavam facalhões de pedras pela boca fora, como vingança, que iam rolando de poio a poio, partindo os barcos que dormiam cansados, ou os regos das fazendas apenas começados a serem cultivados com amor, sem sentir amarguras, remorsos ou mesmo outros sentimentos. Enquanto de espaço a espaço, todas as noites, tanto umas horas depois de o escurecer, como também mais para os confins das madrugadas, começavam a sobressair nos céus os desordenados e agitadiços desalmados dos cantares das cagarraz, deslizando-se em alvoroço, sobre a minha aldeia, inseguras pelas luzes pálidas dos candeeiros a petróleo, pendurados em ganchos, nas paredes dos caminhos tortuosos, e por fim, lá iam elas guiando-se ou saindo dos seus aposentos, pelos raios traçados do medricas candeeiro a petróleo, que fazia de farol de barra, mesmo em cima da Praça, que com pavor, sempre se prezava gostoso, embora pálido, usando sempre as últimas forças, para abraçar ternamente todas as casas a seu redor, dando-lhes mimos e beijos sem fim, até que não pôde mais e morreu estoirado.

O lascivo mar, todo vestido de um azul esplêndido e brilhante, sempre comovido e gritante, que nunca se cansava, (***ainda hoje, pareço vê-lo, manso, soberbo e cobarde,***) nesse dia, embora mansinho, seguia o mesmo de sempre, com os seus frémitos cantares muito conhecidos, com saídos exasperados e arrogantes, que

caminhavam inopinados, e teimosos batendo compassadamente, com aquela sempre eterna manhosice, onde apresentava a todos, todo pomposo, com aqueles seus prolongados e altaneiros apertos comprimidos nas palmadas às fracas paredes a pedra e cimento, sem outro feitiço que a vontade de um povo, onde com aquele grito de ribombar, fazia estremecer tudo e todos, agitando aquela sua voz rouca e cavernosa de comando.

- *Aqui mando!*

Dentro de pouco tempo estaria caminhando nele, não para pisa-lo por maldade, mas porque iria por uma tal curiosidade, dessas que apanhamos quando somos jovens, mas que depois se desfazem com os anos. Nesse dia era a vez de espreguiçar-me na minha curiosidade num dos barcos de pesca a quatro remos, e para colmo de tudo, já me sentia mareado. Não conseguia pregar olho, perguntava-me ao mesmo que me criticava, ao ponto de já nem sequer saber, se afinal queria ou não continuar nessa minha impertinência imbuída na louca curiosidade da aventura.

Céu, rocha e mar, vivíamos apertados sem sabermos, a pompa do momento, fazia esquecer a todos que lá viviam, e dava-lhes aquela paz e serenidade na alma, era a mão de Deus dando-nos a sua bênção e carinho, tínhamos o melhor cantinho no mundo, que até hoje, passados tantos anos, e tão longe, ainda sigo querendo e amando, trazendo sempre comigo em rosário, as imagens do passado, para conseguir viver a distância no presente.

E apreciando Pepe zorrilla, ponho nela, parte do seu poema, que tanto me toca a alma, e tanto tem a dizer daquela nossa estátua que sobre a pedra mostra estirpe de soberana..

“De un Dios hechura, como Dios concibo, tengo aliento de estirpe soberana”.

○ barco a quatro remos, todo pintado de um verde retinto e tocante, com os seus capelos esbeltos e arrogantes, únicos nos barcos em toda a ilha, apontando sem medo os caminhos dos astros, mostrava com vaidade, sempre que se apertava mansamente ao cais, as suas bordas alegres e sadias, guarnecidas por um amarelo brilhante, seco e comovedor, agasalhado vaidoso entre umas linhas de negro. Arrebitava-se e balançava-se todo, de peito aberto, mostrava contente os nomes e as matrículas, divinamente imprimidas com letras desenhadas a esmero e paz.

Era a beleza que levantava ainda mais, o brilho da coragem que eles próprios inspiravam aos velhos pescadores lá da terra, as gemas do passado, olvidadas no benemérito do presente, agora com os mimosos louvores de gabarolices, onde só revelam as lacunas negligentes de uma nova casta, com um só pensar.

“O passado não tem valor, e o presente não acaba.”

Mas também dizem por aí,

Presunção e Água-benta, cada qual usa o que quer.

É madrugada, o silêncio da noite é alterado; do velho cais, há um grupo de homens, atarracados. Com as golas dos casacos estendidas, coladas ao pescoço, tratando de protegerem-se até o máximo, da geada trazida pelo vento frio do mar, (***tempo do mar, como chamavam por lá nesse tempo***) com uns sentados nas cestas, que usam para transportar a comida ainda por cozinhar; recordo-me que as batatas eram cozinhadas na água salgada, como eram deliciosas, crespas, com o sal pintando a casca... Mas voltando àquela boa gente, lá estavam uns em pé, encostados e encolhidos às velhas varandas, fugindo de algo. Outros valentes como estátuas, despreocupados, lá de vez em quando, saiam do pedestal, esfregando as mãos umas às outras, para depois levarem as mesmas em concha junto à boca, para com amor lhes entregarem carinhosamente o bafo quente, enquanto esperam ansiosos.

Chamavam desde o cais.

- João...
- Ó João...

A rocha temerária que respondia em eco.

Joãaaooo...Oooh joãaaooo...

Seguem-se assobios, e mais ecos.

- João...
- Ó João...

Outra vez a rocha que responde... Com aquela mesma tonalidade que faz tremer, querendo repetir tudo o que dizíamos, como que gozando, mas que farsante.

Ouve-se do barco.

- "**Já vua**"...

E a rocha que também gritava com naquele seu tom burlão.

Jáaa vuaaa...

Respondiam, e barco a barco, começavam a mostrar vaidosos os candeeiros acesos, onde as luzes a querosene, (**mais conhecido lá na terra por petróleo**), pespontavam o mar, dando vida a um porto em silêncio no escuro.

Nessa altura os chamados (**rapazes do barco**), como eram conhecidos lá na aldeia, usavam o sinal dos candeeiros acesos para lhes afirmarem que já estavam preparados para busca-los em canoa.

(Rapazes do barco eram geralmente os mais novos, e tinham por obrigação, dormirem na embarcação para cuidarem, não só quando havia isca no seirão, mas também para estarem prontos em caso levantassem ventos que pusessem a embarcação em perigo).

O Seirão, (*Seirão era como um cesto gigante, feito de vimes, que por vezes tinha uns três ou mais metros de diâmetro, com medidas de fundura proporcionais, onde no fundo levava amarrado algumas pedras como lastro, para o manter numa linha de água correcta. Por cima, era geralmente coberto por uma rede, assim a isca ficava protegida, e podia viver nele, sem haver o problema das gaivotas que continuamente rondavam loucas à sua volta.*) Quase sempre amarrada à popa do barco principal. O pescador pauleiro era muito orgulhoso do seu seirão. Um seirão bem feito era razão nessa altura de presunção, como ser dono de algo muito útil e prestável.

Nesses tempos de então, eram os barcos a quatro remos, ou as chamadas gasolinas (*O nome de gasolinas vem por serem barcos a motor*)

Era quando com a ajuda do outro rapaz do barco mais próximo, vinham de canoa, busca-los ao cais.

De um a um, contentes sábios e atrevidos, iam saltando sempre com um

“Deus nos dê um bom dia hoje.”

Ou, por aquele idoso que chegava por último, com um bom dia mais perecendo uma ordem de general, que todos respeitavam, com frases hoje pouco comuns, assim como:

Bom dia de proa à popa.

Num vai vem, a canoa ia carregando os pescadores até o barco de quatro remos, ancorado não muito longe do cais, e depois de deixa-los, voltava outra vez, muitas vezes, fazendo o mesmo, mas levando outros pescadores a outros barcos também ancorados nas vizinhanças.

O remo de avante é o primeiro a bater na água cálida, e a fazer ranger o tolete na **“chamaceira”** (*lá na terra o nome que dão à peça onde vai o tolete, peça essa de madeira muito forte e rija, por sua vez o tolete, peça cilíndrica com encaixe, era geralmente de pau urze*).

A poita (*corpo pesado, que as embarcações de pesca usam em vez de âncora, para fundear; era geralmente uma pedra bem talhada, com bases quase retangulares, onde lhe era bem amarrado um pequeno pau atravessado em forma de cruz, para lhe fazer de chave, e tendo uma outra vara, alinhada com a corda principal, que ia desde a pedra a umas três braças, bem amarrada à linha de poita em diferentes lugares, para que a linha da poita permanecesse sempre perpendicular, e assim evitava que ficasse presa às rochas do fundo, visto onde os barcos geralmente ancoravam ser muito pedregoso.*)

Logo que a poita era levantada, era quando se começava a ouvir o compassado zumbir amargurado da fricção dos toletes encaixados nas cavilhas (**cravelhas**), coçando-se todos, besuntados de graxa, que no entanto sempre armazenavam calor em demasia, ao enrolarem

afoitos no calor dos caibos, (*caibos são as partes que são encaixadas em cada lado do braço do remo, são de forma oval, com umas saliências saídas nas duas pontas, onde é agarrada ao braço. São de madeira rija, onde quase no centro da meia oval, existe um buraco por onde é encaixado o tolete. Por vezes cada remo tem o seu caibo com um só buraco, para diferenciarem os remos. São quase sempre encaixados ao corpo do remo por uns arcos metálicos nessas saliências saídas para o encaixe. No buraco dos caibos, onde o tolete encaixa, faz com que o remo fique sempre com a pá nivelada perpendicularmente à borda, e sempre na mesma posição, dando ao mesmo tempo a forma de eixo fixo, onde o remo se move facilmente. É essa parte que faz a distância entre a borda e o ponho do remo, o ponho é composto não só da agarradora, mas também de uma madeira aparafusada ao corpo do remo, para lhe dar balanço, geralmente as distâncias dos caibos aos punhos dependiam da largura da embarcação, e do tamanho do remo.*) que por sua vez massajavam a chamaceira pacientemente, enquanto os toletes praguejavam zunindo, dando suspiros e ais, esforçando-se por saltarem das chamaceiras, e jogarem-se ao mar nus, naquele pedir constante por água para se resfriarem. Continuavam nessa cantoria contra o remo, sem ninguém a lhes prestar atenção, fazendo esse ranger um quase cantar roncoso e triste, que os pescadores aproveitavam, para seguir o compasso dessas gargantas das *chamaceiras*, e por vezes cantavam também, e quase como numa constante, iam eles e elas roncando pelo mar

dentro, sendo algumas vezes interrompidas, pelo matracar do “**batedor**”, *(uma peça muito importante e fundamental nas embarcações pauleiras, talhada em madeira, com uma asa em vertical na parte traseira, e na frente na parte inferior desenhada em meia lua, quase fiel às linhas do interior das cavernas, onde na parte superior era cavada a concha para tirar a água das cavernas dos barcos, palavra talvez derivada de (batelo), engenho rústico que servia para tirar águas dos poços.)* enquanto o bater da água, na proa afoita, faz recordar cascatas de riachos encantados à volta da ilha.

Sobre a pedra

**Quantos gemidos,
Nos cantares de gaivotas,
Que sobre ti voam desapiedadamente.
De carne metálica,
Com suor a lodo verde ergues-te confiado.
Altivo,
Pintas o retrato do tempo...
- Eu sou aquele...
Aquém ao mar ordena...
O mar bufando...
Rindo-se de ti,
Em alardeio...
As pedras negras,
Recolhendo mágoas,
Recolhendo dores...
Tu, arrogante,
De olhar destemido...
Pensando mandar...
As gaivotas cantando gemidos teus...
Os que aprenderam ontem de ti.
Amanhã,
O teu corpo se abate...
Nem um suspiro ao longe.**

Os pescadores cheios de fé, aproveitavam o momento, contentes nas suas tertúlias madrugais, discutindo e entretendo-se nos afazeres da pesca, enquanto andavam à rola, nesse mar gigante e trombudo, guiados pelos cantares das cagarraz, que como eles, também rumam à mesma lida. Seguem os dois de mãos dadas, o caminho da azáfama, pelo mar alto, os remos compassadamente, fazem que o barco corra devagar e certo.

Na popa, todo airoso, o seirão amarrado ao capelo, segue a mesma cadência do barco, enquanto lá dentro, o arenque ou o **“guelro”** (***peixe também da família dos clúpeos, que na minha terra é conhecido por esse nome,***) dão voltas apinhados uns aos outros, redobrando o gozo nas saudáveis águas que lhes vão saboreando nas guelras.

A minha primeira maníaca viagem não me foi lá muito agradável, com aqueles contínuos arrebatos de vãos e vens, desequilibrados e frágeis, sem sentirem remorsos, que quase até me tiraram a própria alma, sem dizer que nunca parei de batalhar.

Enquanto durou a viagem, vomitei que nem um porco, (**peço desculpa ao animal**) com toda a tripulação fazendo chalaça, e eu jurando, lá para bem dentro de mim, que não me meteria noutra igual.

O Sol teimoso e vencedor, que lá na minha terra chega sempre tarde e cansado, claro, não é que ele o queira, nem tão pouco o faz por preguiça, chega tarde pelas forças naturais que o obrigam a ser tardio.

Logo que a alvorada chegava, quase todo o Paúl andava desperto, mulheres em grupos subiam e desciam as ladeiras, tanto a da **Fajã da Ovelha**, como a dos **Prazeres**, os homens, que como nesse dia, saíam nos seus aventurados barcos de quatro remos, ou em canoas. A rapaziada barulhenta já andava pelo caminho tortuoso e estreito, quando não tinham que acompanhar a mãe, a irmã ou a tia por essas ladeiras fora, ou até mesmo se não iam com o pai ou o avô num desses barcos, e os agricultores, pois também lá havia e ainda os há e dos bons, a essas horas já andavam levantados, aprontando-se para o trabalho árduo da terra.

O Sol, o nosso segundo aliado, digo segundo, porque sempre estou pronto a afirmar que o primeiro é o mar, pois até o nome nos deu. Mas falando do segundo aliado, o nosso Sol, começava logo pela manhã, sem que

um se apercebesse, descia a ladeira dos Prazeres com uma calma medonha, como quem não quer chegar, e pouco a pouco com passos delicados, ia de volta a volta até que chegava ao moinho, aí, como que parava, olhando as rochas altaneiras e vazias, e de repente quase como de empurrão, mas envergonhado, saltava para dar o seu primeiro beijo à Bica.

Toda a harmonia desta primeira luz, podia ser apreciado lá do mar alto, enquanto os remos apalpavam e acariciavam meigamente o mar.

Não demoramos muito a encontrar um cardume de gaiado, com os mais argutos nas varas, enquanto o arrais ditava as ordens aos remadores, e o **guelro** era deitado ao mar com cuidado, para chamar o peixe à borda, enquanto outros eram usados nos anzóis, que se estrebuchavam ao cair na água, para se livrarem do arpão que os prendia.

Ver o peixe ir pelo ar, preso à linha da vara, para depois ser levado ao peito, tirar-lhe o azul, e com ternura, deita-lo no porão, era sonhar a ser pescador.

Por volta das quatro da tarde, com a proa apontada à terra, voltávamos contentes.

O vento, meigo e terno, amigo incansável do velho lobo-do-mar, respeita-o e apieda-se dele.

O regresso foi muito mais confortável, mais romântico, e mais fácil, sem aquele tic tac dos remos, e os grunhidos roncares das madeiras, que gritavam ao serem maltratadas com a fricção.

A vela latina em forma de trapézio amarrada a uma vara, para segurar a sua forma horizontal, sobe soberba ao mastro, mostrando-se despegada, castiça e alegre,

com os pescadores cantando (***Eram fabricadas de um pano chamado na altura pano cru, geralmente eram fabricadas lá na aldeia, dos restos das mesmas, faziam-se os casacos de oleado, que depois de feitos, eram pintados com várias camadas de óleo de linhaça, dando-lhes uma cor amarelada e luzidia. Deixavam-nos secar ao sol por dias, eram nesses dias que lhes davam camadas em cima de camadas de óleo de linhaça, até que tinham uma boa consistência e ficavam resistentes à água. Eram casacos incómodos devido à sua aspereza, mas na altura eram os casacos usados lá na terra por todo o homem do mar.***)

O barco é levado a leme, os remos de um a um levantam-se espreguiçando-se, respiram fundo, e adormecem como anjos, com as pás pintadas de azul, jazendo paralelas e inclinadas, ao lado das bordas. Pára o barulho das cavilhas, os guinchos, e o roncar da madeira, agora há somente o doce murmúrio do cortar do mar, engrenado nas moldadas vozes ronceiras dos pescadores, que cantavam ao compasso do marulho.

De longe podia-se avistar o cais, que cada vez mais se enchia, com todos esperando, familiares, compradores e curiosos, todos esperançados na apanha do peixe, e fazendo cálculos e mais cálculos de quanto as embarcações trariam, enquanto os merceeiros das velhas mercearias, mais chegadas ao cais, preparavam-se para a chegada da malta, que nunca falhava, trazendo ou não

peixe, havia sempre o fiado à súa, que depois era pago quando faziam contas de semana a semana.

No cimo da rampa, os batuques do martelo e cinzel empurrando a estopa, (***estopa era uma fibra natural, do produto do linho, parte essa que não servia para ser usado nos teares. Esse produto era enrolado quase em tiras, e à força de martelo e cinzel, reenchiam as gretas das fendas das madeiras nas embarcações, antes de serem cobertas de massa e pintadas, para que fossem mais flexíveis.***)

Não muito longe dele, um ou dois carpinteiros também trabalhavam numa outra embarcação, e lutavam pregando tabuado novo, ou tirando madeiras já sem valor do fundo de um porão, que todo vergonhoso, estava voltado, mostrando o seu fundo aberto, com parte das suas cavernas desfeitas.

Outros lixavam as madeiras usando a pele da sara seca, ou de um outro que chamavam por lá de (***Tintureira***). Nessa altura tudo era aproveitado, desde os azeites que tiravam dos fígados, usados nos candeeiros, (havia duas espécies de candeeiros, os a petróleo, e os a azeite, estes últimos também chamados lá na aldeia de (***Feixe a odores***), e certas peles que depois de secas serviam para lixar as madeiras.

Ao lado sempre há quem serra uma tábua a pulso, ou aproveita o espaço do tempo para tirar um som do zunido vibrante do serrote e cantar com ele.

A Xó, (***A XÓ, como chamávamos lá, era uma peça muito usada na fabricação ou reparação das***

embarcações. Tinha quase a forma de martelo, só que a parte onde no martelo havia as chamadas orelhas, na xó, essa parte era alargada e sem numa só peça, onde uma face muito afiada, de desenho em arco, da mesma maneira que as orelhas do martelo, fazia um corte preciso e rápido. Por essa razão, era uma das ferramentas mais usadas pelos carpinteiros nessa altura, na fabricação ou reparação das embarcações, e sempre a tinha à mão, para emendarem linhas nas madeiras.) que desbaratava a madeira, dando-lhe um ângulo quase a medo.

De pé, junto ao barco que se arranjava ou construía, estava o dono, sonhando.

Tudo na minha querida aldeia, em esse então era hasteado ao ar livre e em cada alma a alegria repartia regozijos que por sua vez saíam contentes nas suas serenatas. Tudo era pespontado com amor, e ornado com desenhos de sonhos, que orgulhosos, derramavam-se em jarras, enfeitavam mesas, e satisfeitos, esperavam esperanças de alegrias olhando o mar.

Tudo isto ficava lacrado em cada olhar da gente da minha aldeia, que neste tempo que vivi, mais pareciam o de uma família unida.

Era assim que tudo era enfeitado nos caminhos da vida quotidiana.

***Correm andorinhas,
voando vão num vaivém.
Levam saudades minhas,
não levam de mais ninguém.***

***Não levam de mais ninguém,
não têm tempo para mais,
levam e trazem saudades,
mas só das que tu me dás.***

***Mas só das que tu me dás,
levam e trazem voando.
Não levam de mais ninguém,
e sabe Deus até quando.***

Mal o barco chegava à rampa, já toda a canzoada se misturava e contentes, ajudavam a descarga. Depois, com o peixe estendido em toda a rampa, vinha o debochar do gaiado, tendo como paga o coração e o bucho, que enfiavam um a um num pequeno arame. Depois de desbocados, eram levados para a praça que ficava um pouco mais arriba da rampa, logo no começo da Bica, mesmo ao lado da Passadinha.

(Ainda hoje lá está, desprezada moribunda triste e descontente, clamando as virtudes dos velhos tempos, sem que ninguém lhe faça caso.)

Aí, todo o peixe era posto sobre umas mesas de mármore que nesse tempo havia na velha praça, e tudo embora velho, estava muito limpo. Havia uma fonte com água potável, que estava canalizada também às mesas. Toda a praça estava coberta por um (**telhado de zinco.**)

Quando tudo estava em ordem, era quando o peixe ia finalmente à lota, que podia ser leiloado pelo arrais do embarcação, ou então por outra pessoa que tivesse as licenças para o fazer, de qualquer das maneiras, quando o peixe no final do leilão estava a um preço baixo, o arrais do barco se quisesse ficar com o peixe, tinha o direito de ficar a esse mesmo preço.

Sempre que o pessoal passava para toda esta azáfama de uma aldeia onde a pesca era a principal actividade, tinham obrigatoriamente logo no largo do cais, onde na maior parte das vezes permanecia todo pomposo, dando suspiros de alegrias, como também encontrar uma ou duas redes estendidas, com formas circulares, ornadas de uns paus curvados, que lhes davam essa forma, (**Os chamados arcos de rede.**) sendo estes amarrados uns aos outros, até completarem o círculo.

Junto delas, vários homens de diferentes idades, trabalhavam alegremente, cosendo rasgões, deitando remendos, ou remendendo malhas partidas, (**usando umas agulhas feitas de cana vieira, aproveitando a parte do canudo como base, e uma meia outra de cada lado, onde eram cortadas uma ranhura para dar lugar a onde ia ser cheia com a linha, e duas das pontas opostas de cada lado do dito canudo onde**

findavam as ranhuras, eram dobradas a calor, de modo que ficavam quase que unidas uma à outra, e assim simplificavam o seu uso).

Não muito longe do cais, muitas vezes até junto a uma das famosas pedras que dispersas faziam histórias lá na terra, uma tal mais conhecida por todos como “*Gueioa*” (*hoje esta pedra, encontra-se quase sem valor, está mesmo encostada à nova doca, como a história dela também houve uma outra, muito antes, também famosa, de nome Pedra da Castelhana, que neste agora, poucos são os que se lembram dela*). Havia dias que podíamos ver os homens nos seus barcos mais pequenos, com as redes estendidas envoltos na apanha da isca, com o seirão ao lado pronto a receber a prateada que aos saltinhos desesperados andavam em galhofas ruidosas, enquanto eles do barco puxavam a rede à força da própria mão, e quase compassadamente, era posta dentro da embarcação.

Um bom dia de apanha de isca era dia de alegria, quase tanta como a de trazerem um barco carregado de peixe.

**Reparai nestes retratos,
Quem com agrado mostrais,
E contentes vós andais.
Eu que sinto os maltratos,
Que lhe deram os ingratos,
E Vós? Sem conhecer o de antes...
Nunca sereis os amantes,
Da terra que me tendeis.**

Segundo capítulo

O HOMEM NO SEU MAR

1965

De sítio a sítio, num eco meigo e doce, as badaladas dos sinos da torre das saudades, chegam rematando palmadas por todas as partes; (*como os ovos petrificados dos gigantes dinossáurios, que chegam até nós retinindo-nos a alma e sacudindo-nos, mesmo sem incubarem.*)

Os peixes que fazem greve, as gaivotas cansadas que procuram sossego, o mar, que já cansado da luta adormece, as ribeiras que tanto o incomodaram, finalmente deixam que ele descanse, sem as cócegas do dia-a-dia. As nuvens de linho tingido desvanecem, em seu lugar, aparecem outras de algodão, brancas como a neve, puras e transparentes, embaladas pelo vento suave e fresquinho, que por estes tempos sempre estão beijando a nossa terra.

O continúa bater meigo, dão...que se “**esparrama**” pela rocha a cima, em ecos, que não se cansam, seguem como pombas brancas voando destemidas, da torre à rocha, e da rocha ao mar.

“Por vezes há que recorrer à dor, para poder recompôr uma outra...É como as saudades, há que fabricar saudades, e sem medo, vestir-se delas, dançar como no baile de máscaras, para que assim possamos enganar as que nos estão matando desapidadamente.

Quem diz que a vida é um cheio de nada...mente de igual como o que diz e afirma manhosamente, que a vida é um todo.

A vida não é mais que a saturação de um todo, mas não um todo, onde o total de toda essa álgebra, equações e logaritmos, perde-se por ser demasiado. Nós, sem sabermos, nunca vemos esse demasiado que nos foi dado no quinto dia. Aos nossos olhos chegam somente as poucas migalhas desprendidas por acaso e sem malícia, e que por vezes até tocaram em nós sem saberem.

Devemos no entanto sentir a alegria da vida em todo o momento que pisamos este encontro, para que com essa alegria possamos conhecer a felicidade. Ter à vista pequenas migalhas, já é razão de júbilo, porque chegará o dia, e ninguém pode fugir a ele, que nem migalhas veremos...

O fim de uma vida é o fim do material, ora se o material acaba, o que vem será um mundo surrealista, ou de outra forma de dizer, um mundo onde a fantasia se alarga e o onírico prevalece.

Não como o mundo que o droguista sente, mas um mundo onde não haverá dor, onde o branco é puro, o preto é maldade, e o rir vem sem saber como.

Ah! Que bom seria se me dessem flores depois desta partida, não importa como, tamanho, ou cor, tão pouco se trazem algumas das pétalas caídas com as restantes já quase secas ou mortas... o que sim importa, é que me sejam dadas com um querer de querer, de sorriso agradável...Um sorriso de vida. Assim talvez o meu espírito, quando despertasse dessa coma imortal, vivida em imposto letargo, e fizesse a sorte que esses raros momentos de vigília, coincidissem com o momento apropriado de lucidez, aí, tenho a certeza que sentiria, ainda que impossível pareça, os rasgos de memórias perdidas na razão da ida, e encontraria nessas flores os guias dos ventos que me trariam de volta, os olhos deixados atrás perdidos no passado errante. Contento, outra vez poderia ver e saborear os tempos dos tempos e matar as saudades perdidas no além-túmulo.”

A “celha” Hoje felizmente já não existe, e ainda bem, saiu pela porta detrás, mas a verdade seja dita, foi um artefacto que muito contribuiu para a alimentação na nossa querida aldeia. **(na altura, muito usada lá na terra, geralmente era de madeira, em forma cilíndrica, quase que parecida a um oitavo de barril, muito curta, e como no barril, as tábuas eram unidas umas às outras por meio de arcos metálicos, serviam para o transporte de peixe, onde as mulheres carregavam-na à cabeça, e que geralmente eram pintadas com a mesma tinta que usavam para pintar os barcos, quase sempre de azul ou verde escuro)**, com os gaiados todos arrumados, luzindo como se fossem de prata, assentos na **“sogra” (nome que davam aos panos enrolados em forma circular, e postos sobre a cabeça, com o fim de fazerem de almofada, entre a cabeça e a carga)** lá iam as mulheres em bandos contentas, subindo as famosas ladeiras dos prazeres, ou da Fajã da Ovelha, que têm tanta história para contarem, com curvas e contra curvas, calçadas com agonias, e delírios de poesias, por tantos serem os dias de tanto caminhar nelas, e lá iam elas, cantando, que como dizem por lá, tudo se faz cantando, e não há como viver cantando, por isso é que o povo diz:

*Nem só de alegrias se canta,
Nem de tristezas se chora...*

Uma ladeira com as pedras de calçadas muito polidas, parecendo sapatos de pelica acabados de serem engraxados, onde o silêncio formava mealheiros com segredos, aventuras, dor e medos, com todas as suas benditas voltas resmungando, que no meu entender eram fadários sempre que me tocava caminhar nelas, onde tudo era eterno, e o subir um suplício e condena para pagar pegados, que me faziam cansar mesmo antes de nelas entrar.

Sempre que lhes dava uma olhadela, encontrava nelas aquele vício vingativo, com uma liberdade incrível para tal vingança, que não havia quem pudesse fugir delas. A um canto do olho podia espreitar as suas alegrias e gozos por trazer-nos a reboque, que amarrados às necessidades, da vida e do tempo, ficávamos muito caladinhos, até murmurando obrigados, sem sabermos pedir melhores meios..

Aos olhos de todos que as pisaram elas foram o martírio vivente de um povo, mas que por bondoso, por isto ou por aquilo, sempre encontravam nelas, algo de cativo, para lhes apagarem as amarguras e bofetadas da vida; e era quando lhes apelidavam, com nomes baptismais, que lhe ficaram cravados até o fim dos tempos, nas pedras rasgadas e bem polidas, onde tantas mãos as benzeram ao apoiarem-se, sentindo o latejar da vida, e transmitindo o poder mútuo da rocha à mão, e da força da mão à força da rocha, que nem as estrelas do Céu chegarão para definir a alma e a dor sentida em toda ela.

Dos nomes orgulhosos e sadios, que andam estampados, Como na ladeira dos Prazeres, lembro-me

das “**Figueirinhas**”, da “**Furna do Ti Adão**”, da “**Cadeira do Sr. Doutor**”, e muitos outros mais, que nem é preciso mencionar, desse engenho cativo e extraordinário, que foi motivo de espectáculo, e sobrevivência desse cantinho tão querido da minha terra.

A troca de peixe por legumes, batatas e semelhas, já era um costume que vinha de muitos e muitos anos, desde os primeiros colonizadores, a troca era o pão do dia. A isto mais tarde juntou-se um outro, a ida aos famosos peros da **Ponta do Pargo**, que quase sempre eram feitos pela compra dos frutos na árvore por cada ano, uma espécie de renda que somente tinha a validade de uma colheita.

Mas voltando às trocas, houve uma altura de paragem, um pouco longa, tão longa que se descuidaram de a terem como receita, e tão curta, que levou-os outra vez ao mesmo de antes. Ora nessa paragem, que foi muito difícil para todo o mundo, não o foi para o pauleiro, antes pelo contrário, foi um dos tempos mais gratos, onde reinou a calma, paz, e superioridade, por toda essa inversão.

Foi nessa altura quando toda a população das freguesias vizinhas tinham por obrigatoriamente, deslocarem-se ao Paúl, buscando desesperadamente o que mais necessitavam para o seu consumo diário. O açúcar, o mel de cana, o sal, (***No Paul foi onde havia as únicas salinas da ilha, e de lá saía o sal para o consumo de todo o povo madeirense,***) sem falar do peixe, tínhamos umas conservas, da massa, com uma fábrica, e das telhas, tanto das de barro, como as de cimento, que nessa altura havia duas fábricas para as de cimento. Na olaria, mesmo pegada ao engenho de açúcar e mel, eram feitos blocos e cântaros de barro. Na ida, tudo isso era levado por todos, deixando os legumes, as batatas e as semelhas, em troca do sal e do açúcar.

Já muito antes de 1965, logo que fecharam as conservas, e destruíram as salinas, dizimando o engenho. (***Onde existia o velho engenho, hoje está construída a nova igreja, tendo como adro o espaço da velha igreja.***)

O velho hábito da vida voltou ao de antes, sem reformas, até mais árduo. Desprevenidos, outra vez ficamos agrafados a esse labirinto de vaivéns, onde éramos os usados, que de bordão na mão, desde horas da madrugada, cansados, movíamos os desgraçados fardos, borrando as madrugadas de sono e de bem-estar, apagando como quem apaga uma fogueira, as belas horas das tardinhas benévolas, para darem lugar a umas tardes suadas, presas a um destino sem poderem fugir do rigor dos tempos, com todos esses pesos para cima e para baixo, partindo-lhes todo o corpo.

Não era difícil fazer o negócio da troca, visto cada uma ter pessoas já conhecidas e amigas, além disso, o peixe fresco era sempre bem-vindo e apreciado, o difícil era conseguir o material para ser trocado, sendo muitas das vezes por falta do peixe, este ter chegado a ser substituído por barras de sabão azul.

O baixar carregadas com sacos de duas a três arrobas, atestados de batatas, e semelhas, e ainda com uma “aldraba” com couves (***Aldraba era como chamavam lá na terra, um pequeno saco pendurado pelo pescoço a baixo, como atrapalho, mas que ao mesmo tempo fazia de trinco à carga.***)

Não era nada fácil, tanto a subida, como a descida, embora digam por aí, que para baixo todos os santos

ajudam, mas se olharmos ao ângulo de declive, as pedras demasiadamente polidas das calçadas, e a largura da vereda, não era nada fácil, era realmente preciso uma verdadeira destreza para tal proeza.

Eram mulheres de luta, muito fortes, geralmente descansavam duas vezes, e nessas duas vezes, era quando aproveitavam para desafogar o peito, eram os remédios que usavam na altura.

Hoje como tudo está diferente, usam mais o **Librium**, **Diazepam**, ou o famoso **Valium**, que anda distribuído em degraus. Antes, quando apareciam dores, viravam-se aos chás, disto e daquilo, e tudo se curava na graça de Deus.

(▲ mulher pauleira além de sustentar o dom de bonomia, também é meiga, arrogante, lúbrica e verdadeiramente atrevida, na raiz da palavra, como demasiadamente vaidosa e mandona demais, com ondas de conformidade, mas de presunção, divertida, sem papas na língua, destemida e franca, mas sempre com um coração aberto e benevolente, trazendo consigo uma alma maior que o mundo. É valente e enérgica, afronta tudo sem medo nem vergonha, e na luta não se diferencia do homem.)

Ora nessas pequenas paragens de descanso, tão necessárias como a água, sempre havia cenários amigos, entretidos com o silêncio das entranhas das rochas, do aromático sibilar dos pássaros, que viviam nesse despreocupado recanto, de vale desprevenido e fechado, quase selvagem, que apesar das romagens de corridas

de dias e noites; ainda o seu arredor vivia virgem. Ninguém se importava de desvendar as belezas livres e sumidas, que como um fado, muito ajudavam aquém por lá passava, enchendo-os de esperança.

Era aí que erguiam o seu altar, onde desabafavam dor, e dores, alegrias e tristezas que encadeadas, ribombavam o peito quente de cada um, como também era aí, onde se tomavam conhecimentos dos secretos sentimentos alheios, ninho das “**bilhardices**”, que depois rolavam sem parar, ladeira a baixo, derrubando tudo, como pragas de gafanhotos verdes, muitas das vezes sem fé e sem piedade, matando mais a alma que a vida, e sempre num mesquinho toque de lira, quase suave, mentindo a todos, num livro aberto, onde tudo era lido e relido, como romance em voz alta; sem receio de magoar ninguém. Essas eram quando muitas vezes, sem medo nem vingança, tomavam as principais decisões das suas vidas.

- Estou cansadíssima hoje, este saco pesa que nem um raio, mas ainda bem, já não tinha senão uma ração lá em casa, quem me dera que o mar esteja sempre assim, ó meu querido Santo Amaro, fazei que nestes dias haja bastante peixe para todos.

- Não penses que és a única mulher, com um bando de filhos que tenho, e com o estupor do meu marido a me gastar tudo o pouco que ganha no estupor do vinho, deixando-me ao pouco ou nada que ganho, que é mesmo uma miséria, que nem sei como temos podido viver lá em casa...

- Oh! O diabo te leve, e agora eu, que não tenho ninguém, nem aqui, nem no estrangeiro que me mande nada, tu ainda tens quem te mande umas roupinhas, mas rapariga, não tenho nem um bicho vivo que me levante a mão...e só Deus sabe como vivo, nem uma alma se lembra de mim.

- Oxalá que o raio do meu marido não fique outra vez em casa, como já tem feito tantas vezes, mas eu já lhe disse, seu estupor se pegas no vinho outra vez e andas bêbado, para depois não poderes ir ao mar, o diabo vai-te levar.

- Acreditem, que vou lhe dar com um pau, até não poder mais, o estupor vai-se lembrar até for vivo.

- Vais lhe dar com um pau... o diabo te leva o juízo, ele é um bicho de força, olha não sejas tu a que vai levar...além disso, tu é que perdes, nem peixe, nem prazeres na cama...

Ouvem-se gargalhadas.

- Ah! Estás muito enganada, ele que volte a fazer o mesmo que tem feito e vais ver o que ele vai ter...e na cama, não lhe darei nada por um mês inteiro...

- Ai Jesus, aposto que não aguentas...

- O diabo que seja surdo, mas nem que ele ande com a baba a pingar...não lhe darei nada.

Mais gargalhadas.

- Olha faz como ela, que esta ali toda caladinha e bem sentada, o outro dia, deu esse mesmo castigo ao marido, e todo o mundo sabe o que passou, no fim fez acordar toda a vizinhança com aqueles gritos histéricos, só não ouviu quem não quis...

Risos.

- Ah! Olha, parece que é só eu, tu cá não fazes nada com o teu marido, o diabo te leve, és mesmo uma santinha, vou te lavar os pés para te pôr num altar coitadinha, deverias ir para freira.

Depois vinham as lamentações alheias... Saíam quase com vergonha...

- Sempre será verdade, o da fulana que anda para ter? Também se é, aquela estupor é mesmo uma louca, diz que foi com o primo, credo ave-maria, o que foi dar na cabeça dessa mulher.

- Não é só ela, ainda há mais por aí, mas ela é que ficou na roda...Não foi do marido não lhe mandar, que lá esse mandava até demais.

- Essas são as piores, olha eu, com o meu marido embarcado, e com um bando de filhos todos pequenos, não tenho carta, nem mandada, se não fosse o meu pobre pai, que Deus o ajude, nem sei o que seria de mim e dos meus filhos, mas tenho a minha cara limpa, Deus sabe o que faz...Muitas vezes "escreve direito em linhas tortas"...Bem, já é tempo de irmos, já descansamos o suficiente...Vamos lá que agora já estamos quase a chegar, não querem chegar a casa? Então fiquem tagarelando, que eu cá já vou andando, ainda tenho a ceia para fazer, aos pobres dos meus filhos.

De uma a uma, voltam a colocar os sacos com os víveres à cabeça, uma vez mais o sofrimento contínua, atravessam a pequena ponte, passam o moinho, deixando ao lado os lavadouros, dão uma pequena volta, e fica a terra à vista, já estão na passadinha, descem e cada uma segue para as suas casas. É já tardinha, ainda há o calor que é refrescado com o vento meigo vindo do mar, num tento para abafar o cansaço. O sol ainda quase debruçado, mas macilento, batendo cotoveladas de luz sobre a rocha altaneira e sôfrega, como esperando ser adulado, querendo teimosamente ficar até tarde por curioso.

Quando chegavam a casa, cansadas e suadas, arrumam tudo da melhor forma possível, e quase sempre quando o mar se encontra calmo, iam correndo para o mar, para que o mar, lhes tirassem parte do cansaço e suor, e ao mesmo tempo, aproveitavam para desafogar o peito e a alma, onde dores teimosas querem por uma

coisa ou outra, se apoderarem daqueles corpos meigos e doces, sacrário de uma coragem e vontade sem limites.

O banho no mar, era na altura como um acto religioso, se assim podemos dizer, e quando saiam das águas, eram sereias benzidas, alegres e vaidosas, que quem não as conhecesse, dificilmente compreenderia a razão. Mas, como disse **Camões**,

“O coração tem razões, que a razão desconhece.”

Do mar, vinham direitinhas para casa, voltavam a se banharem com água potável, usavam um aguador, na altura ainda não havia água canalizada. Mudavam de roupa, arrumavam a casa num relâmpago, sem mostrar cansaço algum, e sempre correndo, começavam a tarefa da ceia, trazendo consigo o hábito do cantarolar baixinho, por alegres, conformadas e satisfeitas.

A ceia podemos dizer, que quase sempre, eram usadas as batatas e semelhas que tinham acabado de trazer do negócio da troca, e umas postas de peixe, que os maridos traziam guardadas nas cestas, tudo escondido dos guardas-fiscais, que andavam metendo o focinho em tudo, e nunca deixavam passar nada, pois para eles tudo deveria ir à Lota, e o pescador se quer comer peixe que compre.

A mesa muito simples, sempre esperando pelo homem da casa.

Quando o pai chegava, que a pequena mesa se sentia cheia e grata, com todos sentados à sua volta, e com os mais pequenos, ao colo da mãe ou do pai, dando-

lhes além de carícias, a comida com amor e zelo, enquanto a aragem fresca e sadia, corria garrida, vinda da janela, enchendo o quarto de esperança, e arriscada, seguia saindo contente pela porta, que nas casas da minha terra, estavam quase sempre abertas de par em par, mostrando a harmonia do prazer e da vontade, e onde o medo não existia.

Tudo isto, geralmente um pouco antes do pôr-do-sol. O pauleiro pescador, muito diferente do agricultor, muito rara vez usava vinho à mesa, usavam mais a água, o vinho vinha depois, quando se juntavam com os amigos, as chamadas súcias, nos jogos de cartas, ou nos bares das mercearias, depois da ceia, que muitas das vezes, o ócio se prolongava pela noite fora dias a trás dias, sem se preocuparem com os deveres familiares.

○ sol toca o horizonte, mesmo em frente da aldeia, como uma enorme esfera brilhante.

Vaidoso e guarnecido de cores vivas, quase sempre à mesma hora, muito bem vestido, como se fosse para uma festa, mas sem pressa, vai devagar e cadenciado, quase para não se enxovalhar, e pouco a pouco, usando a magia de todos os benditos dias, fazia-se desaparecer sem medo, todo bem aproado, sempre desafiando quem o quer, até mesmo lá ao bater da barra, enchendo a imensidão do mar com o seu sopro de agradável despedida.

A magia tem esplendor, o pôr-do-sol, lá na terra, é tão mágico, como a própria magia.

É lendário, no meu tempo, nos dias com o céu limpo. (***Um horizonte sem nuvens***) Recordo-me que esperávamos, com os olhos parados, quase sem respirar, como quer espera encontrar a solução de uma magia e ficar com ela, e todos em uníssono buscávamos endiabrados aquele último toque, que sempre vinha depois das trindades. Era o último grito do sol, e estávamos todos, como estátuas, com os olhos postos sem pestanejar, guardando silêncio, esperando pacientemente o mago, e quase sem notarmos o tempo, tudo se revelava, com a magia lá bem ao largo, e nós dando pulos de contentamento por vê-lo alegre e atrevido, e logo ao chegar aquele verde brilhante, que não durava mais que um milésimo de segundo, gritávamos todos a uma só voz.

Já está.

(Segundo Andrew T. Young, quando os raios de luz penetram na atmosfera, eles curvam, e a quantidade da curva, depende do comprimento da onda de luz.

O azul e o verde, que finaliza o espectro é normalmente mais curvo, sendo o vermelho e o alaranjado nesse final, menos curvo.

Para uns Científicos, a luz é uma onda electromagnética composta por partículas de diferentes cores, **[as cores são o comprimento da onda de luz emitida]** que vivem juntas, dispostas em sequências. Ora essas cores, quando separadas como por um prisma.

[No prisma de Nichols podemos ver as diferentes cores em que a luz pode ser decomposta, de acordo com a longitude da onda.]

(Um horizonte limpo de nuvens, fazem com que os nossos olhos possam apreciar, a verdadeira beleza do pôr-do-sol, sempre e quando o mar e a terra sejam muito mais quentes ou muito mais frios que o ar, o vermelho e o alaranjado desaparecem, deixando o azul e o verde como dominante.

O resultado é o que já se sabe, mas para quem ainda não sabe, e tem curiosidade, pode ir ao Paúl em um dia que o horizonte esteja limpo(sem nuvens) e esperar por esse maravilhoso pôr-do-sol, assim poderá apreciar com os seus próprios olhos, e

guardar como recordo de um belo dia no Paúl do Mar.)

Não há que esquecer que o Paúl do Mar é uma fonte inesgotável de recordes.

É assim o lindo e velho pôr-do-sol nessa terra quente, meiga e amiga, em tantos dias de Verão, e de Inverno. Como um ioiô, preso a um cordel aparentando não ter fim. Vai o sol, e chegam as saudades, o cordel volta a enrolar, vão as saudades, e chega o sol, e o cordel estira-se.

O que na realidade é um ciclo que nunca nos deixa a sós, e segue com os mesmos passos do nosso Anjo da guarda, que nos protege de longe, não vemos, não o tocamos, mas sim que sentimos dentro de nós o latido do seu peito, e sabemos que ele está aí, juntinho a nós mas longe, e as marcas distintivas das suas pegadas aquece a terra junto às nossas, é quando o gelo derrete-se à nossa passagem atarracados à fé, que, sem medo e sem temor, aprendeu com o passar dos anos a saber como afrontar a ausência, lidar com as saudades, deixar de parte a hora, e as lágrimas, para avançar de cara erguida nas ruas distantes e estranhas em terra alheia.

Terceiro capítulo

O HOMEM NO SEU MAR

1965

***Guardo o anjo da vida,
na Alma da luz.
No firmamento,
escolho estrelas,
marco cada uma com uma cruz.
Dou-lhes nomes.
Visto-me de branco.
A minha camisa de linho amargo,
e botões de estrelas.
Meu peito aberto,
procura sumir o suor do tempo.
É lua cheia,
o céu é azul,
o sol apenas se foi.
Na esquina no templo,
à beira de uma fonte lodosa,
estendo a mão à vida.
Uma criança passa,
cai a moeda de luz,
no fundo do meu chapéu.***

São já as onze da noite, a mercearia, de portas fechadas, barulhenta e mandona, com os raios de luz saindo manhosos e espevitados, pelas gretas das portas mal quadradas, fazendo uma ajuda mútua aos sons, que também como elas saiam aos gritos cambaleando, espalhando-se pela vizinhança dentro. Seguindo calçadas e alisavam-nas, subiam muros para poderem ver mais longe, e manhosas, mas pálidas entravam nas janelas abertas, assenhoreavam-se de tudo por onde passavam sem perguntarem, nem pedirem licença, depois, não tendo mais onde ir, misturavam-se com o bater do mar lentiginoso, e por lá ficavam, levitando no ar cheio de luz e maresia, das noites de lua cheia.

Em grupinhos, as mulheres, aproveitavam os sussurros que se escapavam sem quererem, seguiam os raios perdidos, os sons que matracavam nas paredes, os ecos dos gritos devolvidos pela rocha, e sem medo nem cansaço, enérgicas, encontravam como por magia os talentosos desalmados. Quando tinham-nos em palpite pela frente, valentes e raivosas, tocavam à porta, com toda a força que tinham.

Tinham sido atraíoadas pelas tardes, quando tudo parecia sossegar, igual ao sol que cabisbaixo lá se ia...

Eles tinham saído depois da ceia, e ressuscitavam nos seus hábitos agrupando-se em súcias, cantavam todos juntos a um garrafão, onde todos metiam o bico, e lá iam misturando fados com boleros, boleros com marchas, até que se cansavam, e finalmente chegavam às serenatas.

Aí paravam, até que tudo adormecesse, e quando não sentiam senão o seu latejar do peito, afincavam-se

nos bares das mercearias, de copo na mão, como beatas na igreja de contas, sem ouvirem missa.

Deitavam âncora e lá ficavam, até que umas mãos agarravam-nos sem vacilar, e em gritos devoradores, sem esperar resposta, carregavam-nos como quem carrega um fardo, e eram levados aos empurrões...

Desenhavam ziguezagues, que ora era para a direita, ora para a esquerda, com cantares ornados a pragas fazendo que se endireitassem por uns segundos, mas que por artes de nem sei o quê, voltavam ao mesmo...

E tudo voltava... Até as pragas vinham como canção... com aquele ar sofisticado em tom de Ré maior, bem pautado.

Era assim que muitos deles chegavam a casa, uns a bem e submissos, outros tão bêbados, que encarrilavam por ficar, mas que nem podiam caminhar dois passos por si sós.

Elas as vitoriosas, pegando-os a reboque, armadas em dizimadoras da mente, festejavam o desgaste palavreado, com perfumes de pragueje embebidos em rosários de discursos, com a maior parte das vezes, vituperando os próprios praguejes, que se condenavam em escutarem cansados por quase todo o percurso. Depois vinham os feitiços, que tropeçavam em cada pedra do caminho, tornavam-se escorregadiços e corriam desalmados fugindo e caindo, levantavam-se, mas na corrida voltavam a embater num pensamento medonho. Elas contentes que sempre algo era por algo, e a melhor forma era deitar culpas...e era sempre os feitiços, que sem medo e sem vergonha, atizados saltavam como

palhaços, derrubando as próprias muralhas, sem que nada nem ninguém lhes fizessem caso.

O Pauleiro, quando bêbado, dificilmente faz diabruras, é submisso, meigo, gabarola e um tremendo “**falastrão**”, embora por vezes, embirre e sem fazer grande coisa, empata o momento, sem no entanto causar danos.

Sempre está no máximo de contentamento, a vida para ele, tem maior prazer quando se juntam a alegria ao álcool. Mas a Pauleira é arisca, mandante e valente, mal eles chegavam a casa, deitava-nos, como quem deita um filho, mas sempre resmungando ao tirar-lhes a roupa, e para maior castigo, dormiam somente por pouco tempo.

A madrugada chegava, da mesma maneira que chegava o sol, sempre atrasada, dorminhoca e cansada. As horas eram como os ecos, vinham sempre depois, os galos esqueciam-se que o dia já se avizinhava, o silêncio reinava, e as horas escondiam-se comprimidas entre o mar e a rocha, somente acordando, quando os velhos despertadores, também cansados e gastos, ponham-se roucos a cantar, martelando ou relinchando por todos os lados, e era quando,

- Manuel, ó rapaz de Deus, ó homem, levanta-te que já são horas.

- Deixa-me em paz!

- Levanta-te que ninguém te mandou a andar toda a noite com o copo na mão.

- Ó mulher deixa-me em paz!

- *Estás mal enganado, levanta-te, que já é tarde, há que trabalhar, não se vai comer do ar.*

- *Que diabo passa contigo... calma, já vou. Não precisas fazer tanto “alevanto”, parece que queres acordar toda a vizinhança.*

- *Não estou fazendo nenhum “alevanto”, nem quero acordar mais ninguém.*

- *Olha para a próxima vez, marca o raio do despertador para a meia-noite.*

- *Ah sim...pois se o despertador tocasse à meia-noite, tu aqui ainda não estavas, pensas que só eu é que tenho de trabalhar? estás muito mal enganado, e deixa de andar gastando o dinheiro no malvado vinho, que tens filhos que precisam de comer, e de vestir, nem sequer conto comigo, porque para mim eu ganho, e até do que comes são parte dos frutos do meu suor, se tivesses vergonha na cara, andavas mas era bem direitinho, e vinhas para casa bem cedo, em vez de ser eu a te ir buscar quase todos os dias, que até dá nojo, sempre a te ter com o esturro a vinho.*

Alguém bate à porta.

- *Deve ser o “**Antoino**”, pelo menos ele já está pronto, não é como tu, que só pensas nos copos e nos amigos, até parece que não tens mulher e filhos, ah! mas*

isto vai acabar mal se vai assim, juro por Deus, que se não te emendas, vais ver o que te vai acontecer...

Por todos os lados, tudo era igual, o que se passava numa, passava na outra, e quando as portas se abriam, abriam-se da mesma maneira. Na rua, os homens em grupos nos caminhos que nessa hora voltavam a serem ocupados por almas passando. Havia imagens que passavam por passar, sem sombras, alguns como sonâmbulos, com os seus passos trémulos mas certos, todos bem atarracados, que muitas vezes ninguém sabia quem era quem, uns com olhos fundos e tristes, perguntando-se a si próprios quem eram, e para onde iam, outros aventureiros e sadios, ainda na flor da idade, mas já com caras experimentadas, onde todos os dias, volviam a enfrentarem o medo, sem receios nem amarguras.

Nessa terra saudosa, por essas horas era quando se encontravam os pescadores com os viajantes que por necessidade, iam na “**Lancha**” para a Cidade (**Funchal**), único transporte nessa altura.

O caminho de sempre, tortuoso e sonso, que sem problemas, sempre chegava ao mesmo lugar, e era de todos, sem os roncares e apitos, nem as corridas desordenadas dos carros que por ele hoje passam.

A peregrinarem começava por assim dizer, na parte que chamavam de Espanha, ficava mesmo na barriga da terra, visto esta ser o bairro dos pescadores da aldeia, bairro esse, que ficava mesmo no rabo do sítio da Lagoa, quase pegada aos mastros das chaminés das velhas conservas, que caladas e frias, viviam na derrota, e sem títulos desde que as portas se fecharam, e que constantemente atrapalhadas, já gastas, sem uso e sem forças, eram desalmadamente esbofeteadas pela maresia e ventos, que lhe abocanhavam a vida a cada instante.

Mal saiam, davam uns passos, e entravam logo no sítio da Igreja, sem dificuldades, nem pressas, com o pensamento longe, passavam pelo cemitério, vinha o velho costume, tiravam o barrete, e benziam-se frente ao portão. Continuavam calmos e calados até a porta da Igreja, aí, nessa altura, a porta era mesmo junto ao caminho, paravam, uma vez mais voltavam a mão à pala, traziam-na ao peito, até havia deles que se ajoelhavam nos velhos degraus, e rezavam. Muito meigamente, com aquele porte de gente simples, voltavam a colocar o barrete, respiravam fundo, e seguiam com os mesmos passos trémulos mas compassados, na pequena descida que os levava em sossego até o outro lado.

Quase sem notarem, entravam no sítio da Quebrada, ou como eles lhe chamavam o Porto, sítio da Quebrada era só para o envelope, ou para registar no livro que o pároco tinha numa das gavetas da sacristia, caso contrário ninguém sequer ouvia falar nele pelo ser verdadeiro nome, o pauleiro é bom a baptizar.

Como num abrir e fechar de olhos, era um sopro. Estava quase todo coberto e enfeitado, por um muro a

cada lado de casas enfileiradas e altas, apertadas umas às outras, com janelas somente para a frente ou para trás, onde as paredes dos lados serviam para uma e outra casa, vivendo aninhadas e quentes, abraçando-se uma à outra com medo, onde de espaço a espaço, sem haverem medidas certas, saiam-lhe uns ramais, que lhe davam o nome de becos, todos tortuosos e desalinhados, onde a uns a alegria entrava estorvando, e a outros entrava em gargalhadas de loucuras, uns com balcões desde o começo até o fim, com outros somente espaçadamente é que se via um balcão aqui, outro mais arriba, mas com todo o seu caminho além de estreito e sonso, sempre com aquele propósito de conseguir esconder quem passava.

Os seus muros todos muito bem engomados, debruados a cores e desenhos berrantes, sempre prontos a irem a uma festa, fazendo remelas aos outros, os que davam para o lado do mar, feitos a vitupério molde num querer sempiterno, onde foi moldado por pataratas de ais, onde se meteram as rugas, não dos anos mas do sal, que a maresia lhes enche a cada bater de onda, quando se espreguiça sobre eles. Viviam uma ladainha de valsas incansáveis, que embrulhava-os a cada instante de maré cheia.

Caminhavam, nesse caminho tortuoso, saindo de dentro deles somente, com aquela calma do novo dia, o suspiro suave, que se levantava ainda sonolento, com o murmúrio rico de um bom dia, sempre que encontravam alguém nos mesmos passos, e de todos vinha a mesma airosa resposta.

Que Deus nos dê.

Quase no final, já depois de deixarem para trás o Passeio, iam direitinhos à única venda, que a essas horas já trazia uma porta meia aberta, com o pretexto das vendas dos bilhetes da Lancha.

***No meu querer,
Dei-te um nome,
Uma vaidade em metal.***

***Sobre a pedra firme,
Nasceu a tua imagem,
Onde calhaus se enrolam.***

***Há gritos de gaivotas
Lotando por ti.***

Não vejo em ti saudades.

Hoje está mesmo ao começo do cais, sobre uma pedra tosca a estátua sublime, único baluarte que sem medo, despido como mariola, afronta o mar em frenesi, enquanto as pedras intrujam a quem vê, e no outro lado, a rampa entumecida, toda encalacrada por se ver vazia. No entanto, de vez em quando, consegue ouvir algum murmúrio de adulação daqueles que somente agora a conhecem.

Entravam, pediam um grogue de aguardente, uma carteira de cigarros, uma caixa de fósforos, e mandavam

apontar no rol. Saíam e seguiam até o cais, para se juntarem aos outros que já lá estavam.

No cais, ou no famoso cantinho chamado **Sereno** (**Sereno foi o nome dado pelos velhos pescadores, era um pequeno lugar abrigado, onde no escuro da noite esperavam uns pelos outros em tempos de chuva, ou até mesmo de mau tempo. Para muitos era como um confessionário, era aí que se escutavam as lamentações da vida pesqueira, enquanto esperam, os pescadores comentam uns com os outros**).

- Parece que o barco do Ti arrais não vai hoje para o mar, ele vai para a Cidade.

- É, vai mexer com os pauzinhos, já não apanha peixe por uma semana arreio.

- Da outra vez que ele foi, foi o campeão.

- Tem que saber.

- Olha o Ti Mangueira, não gasta dinheiro nisso, mas lá apanha... todos os dias dá uma malha na canoa com o pau de matar os atuns, que quase que a parte toda e é sempre o primeiro a safar as linhas.

- É, e traz sempre peixe.

- É, vem sempre carregada, quando não é de peixe, é de água, é mais pesada que (pedra de lagar), as tábuas estão todas ensopadas, pesam que nem chumbo.

- Anda sempre remendada, não há dia nenhum que não leve um remendo, mesmo com tanta pancada...

- Mas é uma canoa valente, ele lá cuida dela, é a única com quatro remos, e penso que vai ser a última nesta terra.

- É, esta canzoada agora já não quer pescar, querem embarcar, isto aqui, mesmo não dá para nada...

- Oh Ti arrais, bom dia.

- Bom dia.

- Hoje vai ser um bom dia de pesca, o Ti arrais por ir à Cidade, vai perder uma boa pesca...

- Há mais dias se Deus quiser.

- Olha, a canoa da Lancha já vem.

- Ó Ti arrais, não se esqueça de trazer uns pozinhos a mais, para deitarmos na nossa vara das amostras a ver se a gente tem mais sorte.

- Vai tu buscar pozinhos, que eu cá vou à minha vida, não vou para isso, manda o teu pai, que ele é quem sabe disso.

Umhas pancadinhas nas costas, um riso malandro, e tudo igual.

A canoa começa a encher de passageiros, enquanto uns pescadores seguram a corda da popa da canoa, e outros ajudam o pessoal.

Logo que a Lancha sai, é a vez deles, e começavam os assobios, e as chamadas.

***O barco não anda,
o barco não vem,
ninguém sobe ao barco,
ninguém lhe quer bem.***

***O barco não anda,
o barco não vem,
já não vão de barco,
ninguém, ninguém.***

Bem poucas vezes as mulheres acompanhavam os maridos até o cais, quase sempre preferiam ficar em casa, isto é, tinham mesmo por ficarem em casa, eles que se amanhasssem nos seus afazeres, que elas também muito tinham que fazer, e logo que os maridos saiam para a sua vida da pesca, antes de mais nada, agarravam o balde sanitário, vazavam nele os bacios dos quartos dos filhos, e saiam à rua, levando-os até o muro que dava para o calhau, e despejavam o conteúdo, com uma calma que fazia enfadar, naquele mar que sempre estava sempre disposto para tudo, e tudo recebia sem uma queixa.

Quando chegavam àquele seu tugúrio, onde viviam embrulhados de tudo, quase que metidas em caixas de presentes de Natal, procurando resolver por todos os meios as maiores necessidades, davam-lhe um banho com a pouca água que ainda tinham num aguador, guardado na rua, e voltavam ao mesmo de antes, com mais uma caminhada até o velho muro, e outra vez o mar era o recebedor.

Depois de tudo já meio arrumado, iam até a fonte, **(Nessa altura, em todos os sítios havia uma fonte, a mais famosa na altura era a velha fonte do adro, toda cheia de contos românticos, era a feiticeira de amores.)** com um aguador em cada mão, sempre contentes, depois de cheios, traziam um à cabeça e outro seguro numa das mãos, logo que chegavam a casa, voltavam a encher a **Infusa, (como era chamada lá na terra, em barro vulgar, sempre solitária ao lado da lareira, descansadamente mantinha a água sempre fria)**, colocada sempre perto da lareira, o restante, ficava

no aguador também na cozinha, enquanto o outro ficava sempre for a da casa.

Quando toda esta lida terminava, era a hora para buscar um raminho de alecrim, ponham-no em cruz, amarravam-no com uma linha qualquer, cobriam a cabeça com um lenço branco, molhavam na Água-benta que já tinham vertido num pequeno alguidar de barro cru, repetindo continuamente o sinal da cruz, por cima do aparelho de pesca do barco mas que pertencia ao marido. Cuidadosamente e com uma calma escaldante estendiam-no sobre a mesa da cozinha.

(Só depois de curado é que seria usado no dia seguinte.)

Com voz suave e muito baixinha, iam dizendo toda esta lengalenga, tirada de umas folhas de papel escritas à mão, copiadas de cópias arrancadas a umas outras mais antigos, e que cada vez sofria ou daqui, ou dali, reformas segundo eles os usadores, como de carismáticas, fazendo valer nelas as suas vontades e haveres, para que continuassem na série impingida da cantarola da sorte, e do poder imaginário, transmitido de mãe a filha, que infelizmente levaram-nos a um costume de vida subjugados ao sobrenatural, misturando a fé e Deus com bordados de curandeiras e curandeiros, de feiticeiros e bruxos, sem nem sequer contar com os ciganos e farsantes.

Jogando-os ao gosto da vida que sempre acreditaram sem culpa alguma, agasalhando-se a uma fé pecadora somente pela vontade dos que passaram antes, e lá iam elas, caladas e de cruz de alecrim na mão, fazendo sinais de cruces, enquanto repetiam no silêncio

da madrugada o mesmo breviário da vida, que lhes foi ensinado como cartilha de catecismo, de mãe para filha, e que agora ela o fazia com todo o carinho como lhe foi ensinada.

Havia vezes que nada estava escrito, e tudo vinha soletrado desde a mente.

As palavras escorregavam sem sequer darem um ai...

“Ó misterioso espírito que reges toda a nossa vida, desce até esta humilde morada, ilumina-me e ajuda-me. Que seja a minha voz a tua, e meus comandos os teus.

Eu com ajuda do Senhor te curo do olhado mau, e em nome de Jesus filho de Deus e da Virgem Maria, Dos Anjos e dos Arcanjos, das três missas do Natal, e de todos os Santos ao redor.

Que o mau agoiro, e o mau-olhado saia de ti, e vá para o mais fundo do mar, onde não ouça galos nem meninos a chorar; onde não incomode ninguém, nem possa fazer nenhum mal.

Meu Santo Amaro milagroso, minha nossa Senhora da Guia, ao Arcanjo São Gabriel, intercedei a Deus, para que nenhuns olhos maus, nem feiticeira, ou feiticeiro, nem bruxa, ou bruxo tenha poder sobre este aparelho de pesca, que tenho presente à minha frente, e que estas linhas com estes anzóis estejam sempre prontas e cheias de sorte, para que tragam sempre o melhor peixe.

Atende a súplica desta vossa serva, bendiz e santifica as minhas palavras, e segundo a tua lei castiga todo o olhado mau que se meteu nesta casa.

E levantando o aparelho de pesca, virando-se para o lado onde está o mar, diz:

Bendice umnia dngeli per adonay spiritum planetárrum, régium fortuna bona...

Eu peço-vos ó imortal, eterno, inefável e sagrado pai de todas as coisas, que derrameis todas a vossa bondade sobre este aparelho de pesca, a fim de que se despegue todo o mal nele.

Sal e água que hoje feitiço.

Que nenhum encantamento exterior se realize se não é meu desejo. E assim se cumpra a minha vontade.

Ámen.”

Depois, voltavam a colocar o aparelho com mil cuidados numa caixa e guardava, deitavam o raminho de alecrim amarrado em cruz numa taça, voltavam a encher o frasco da Água-benta com a que tinham usado, e ajustava tudo na prateleira da parte de cima do armário, que silenciosos permaneciam sumidos, até a próxima benzedura.

Numa panela pequena de ferro fundido, ponham ao lume a ferver com um pouco de água, depois, faziam-na coar no coador de tecido em forma cónica, onde já lhe tinha posto três colheres de café.

Enchia a chávena, arrumando-lhe uma colherada de açúcar, e ia bebendo aos poucos, andando de canto a canto, quase fugindo, fazia a sua cama, ia à cama dos filhos, ajustava-lhes as colchas, voltava à cozinha, fazia uns bolinhos fritos com a pouca farinha que ainda lhe restava, depois pensava que ainda tinha um pouco de trigo, havia de ir ao moinho logo que tivesse tempo... Voltava aos bolos fritos, com mil cuidados deixava-os bem tapados, para que os filhos ao acordarem encontrassem tudo já preparado, e seguia a sua vida.

Uma vez li já nem sei onde, que admitir que a sua desgraça é predeterminada por Deus, é resignar-se ao destino.

Em toda a minha vida, sempre que vivi no Paúl, nunca conheci alguém que se resignasse ao destino. Em todas as horas do dia a luta estava sempre presente.

Sempre e quando resignamo-nos ao destino, é quando vem o...

- Seja o que Deus quiser...

Não lutamos, não corremos, simplesmente caminhamos como sonâmbulos nas ruas das amarguras, quase sem vida.

Sempre à pressa, vestia um vestido qualquer, era para subir a ladeira, que importância tinha o vestido... Pegava no velho bordão muito bem aferroado, que

sempre ficava descansando atrás da porta, mesmo ao lado da vassoura, ele com a ponta apontada para cima e ela também ao revés, (*remédio de bruxos, que andavam alastrados desde o mais pobre ao mais rico, e o melhor era seguir os velhos conselhos.*) buscavam o agasalho de malha, velho, mas limpo, e enfiavam-se nele, amarravam o lenço à cabeça, (***pelas manhãs, sempre fazia frio vindo do mar, mas que fazia equilibrar qualquer saúde.***) a saca de sisal já bem dobrada, uma pequena corda muito bem acomodada, e saiam de casa, voltavam a fechar a porta muito cautelosamente, para não acordar os rapazes, e com um suspiro iam-se juntar às amigas, que como ela, seguiam obedientes, mas muito teimosas, e obstinadas, naquela luta sempiterna, sem um descanso, sem uma alegria de viver sem lutar. Hoje a negra subida pela manhã, era à busca de lenha, depois ainda viria uma outra, a da troca do peixe..

Juntavam-se em pequenos grupos, esperando umas pelas outras, tanto nos balcões mesmo por debaixo da pedra da vigia, um pouco antes da passadinha, como também na outra extremidade da aldeia, o ponto de encontro era junto à ponte da Ribeira das Galinhas. Quando já tinham um grupo considerável, subiam.

Uma hora mais e os sinos da torre, na velha igreja
voltarão a badalar contentes, esparramando os bons dias
desde o mar à rocha altaneira e gigante, para outra vez
os arremessar ao coração do mar.

Tudo parecia cantar nesse então.

Ouvir o fado é rezar

**A mulher de xaile ao peito,
Deitando pregão no ar,
O português que está longe,
Ao fado lhe dá altar.**

**Cantaste com voz de todos,
Choraste também por mim,
Num fado que abraça o Mundo,
Num amor que não tem fim.**

**A guitarra coitadinha,
Torcendo de mão em mão,
Dando jeitinho aos queixumes,
Saídos do coração.**

**A canção da nossa terra,
Nos faz encher de saudades,
É remédio de alegrias,
Nas dores e ansiedades.**

**Ó mulher de xaile ao peito,
Continua teu cantar,
Quero ouvir, quero viver,
Ouvir o fado é rezar.**

AROMAS LÁ DA TERRA

A saudade é o aroma do ausente.

Por vezes, é na velha aldeia onde nascemos, ou nos amigos que deixamos atrás, que a fragrância suaviza a distância.

Quando temos tudo isso num simultâneo perfeito, estamos em presença do deleite, que a emanção desse lugar, e dos amigos, exala.

Na vida, o problema é de que, por mais que quiséramos saber como fazer toda essa síntese, nem todos somos aptos para encontrar e retratar o transparecer perfeito. Uns podem combinar mas não têm o olfacto para saborearem o deleite, enquanto outros, tão pouco chegam ao sentido de aperceberem-se da exalação que, o lugar emana.

*Ó flor do meu encanto,
Ó flor do meu jardim,
É por amar-te, tanto, tanto,
Que vivo e morro por ti.*

Não importa o estar muito longe, há que saber como ser feliz.

A pintura em verde

*Pinto no pensamento,
Um retrato de esperança,
Onde toda a vizinhança,
Andava às brochadas de verde.*

*E nessa parede nua,
Que meu peito triste alcança,
Sonho ser ainda criança,
E desenho a tua face.*

*O meu desenho que cresce,
Nessa parede da rua,
Uma face alegre, a tua.*

*Nas pinceladas de verde,
Uma rubrica lhe ponho.
Ao acordar, tudo é sonho.*

A todo o pauleiro, com um grande abraço.

Felizes são aqueles, que podem sentir na distância o deleite, que a emanção da pessoa, ou do lugar que mais amamos exala.

José Manuel Gonçalves Silva

Monnet

